

Indomáveis

Lucía Sánchez Saornil

Com um profundo sofrimento interior, comprovamos a perda material da guerra espanhola. Somente nós que vivemos dia após dia, hora após hora a edificação daquele mundo assombroso, nascido no 19 de julho, sabemos bem tudo o que se perde ao perdê-la.

Quantas vezes acreditamos que avançávamos devagar, que caíamos em erros contumazes, que retrocedíamos...! E que terrível empurrão para frente demos, entretanto! É verdade que houve erros e titubeios, é verdade que o impulso inicial não se consumou; mas que grande porta se abriu para a liberdade do mundo! E o constatamos agora ao respirar novamente o ar mefítico de um Estado capitalista.

Criamos novas interpretações do direito, mais próximas, mais de acordo com o direito natural. Em plena guerra, acossados por forças numéricas muito superiores, no lógico desassossego de uma resistência improvisada a cada dia, contra um inimigo ferozmente sábio e assistido por todos os meios de ataques imagináveis iam-se esboçando ensaios sociais que, seguindo o curso natural da evolução, no jogo pacífico das reações sociais, precisaram, talvez, de cem anos para produzir-se. Assim o foi com as coletividades camponesas de Aragão e Andaluzia, algumas coletividades operárias da Catalunha e a obra, menos conhecida, do campesinato da nova Castilha.

Disse-se, alguma vez, por meio da boca dos doutores em suficiência de

todos os climas, que nossos ensaios eram balbucios ingênuos e primitivos. Não queremos lhes tirar toda a razão, porque, ao fim e ao cabo, todo o movimento espanhol, toda guerra espanhola não foi senão a reação do homem, em seu sentido mais exato de ser consciente, contra as interpretações jurídicas que convertiam a vida social em uma série de movimentos mecânicos, sem outro objetivo que não servir os interesses de uns poucos privilegiados, e, para vencer, era forçoso que voltássemos os olhos para as raízes primitivas das coisas. Para isto precisava-se de certa fé ingênuo, que limpasse nossa falsa e velha sabedoria, sem a qual estávamos expostos a continuar cultivando com distintos nomes os erros e as torpezas que abominávamos.

Sem esta fé ingênuo, sem este cândido primitivismo de que nos acusam os economistas *experts* da burguesia não teríamos conseguido realizar a série de magníficos ensaios que levaram a cabo a revolução espanhola, e que, mesmo perdida a guerra, ficarão gravados na história para aproveitamento desses mesmos economistas.

Ao falar de nossos ensaios, pensamos em outro tipo de detratores de nosso movimento, os “humanitaristas”, os quais ouvimos dizer uma multidão de vezes que “ensaios”

eram demasiados custosos em sangue e dor. Mas, então eles esqueceram que a humanidade não fez mais que ensaios através dos séculos e que se fôssemos pensar nos rios de dor que cada ensaio trouxe consigo, estes, os nossos, apareceriam como uma inocente espetacularidade. Ensaios que duraram séculos e cujas vítimas não se podem calcular; ensaios que consumiram de fome e miséria gerações e gerações; ensaios que rebaixaram a condição humana de milhões de seres e que não abriram, em troca, nenhum caminho novo para a humanidade.

Hoje, toda crítica inflamada de outros dias que arranhava nossos calcanhares quando ultrapassávamos em muitos o seu nível, late desafortadamente adornando com injúrias seus latidos. A justiça que fizemos fartos de injustiças legalizadas, chamaram de “crime”; os nossos esforços para ajustar o direito às necessidades de equilíbrio da convivência chamaram de “roubo”; ao instinto de defesa de um povo atacado com brutal ferocidade chamaram de “terror organizado”.

Injúria após injúria, pretende-se nos enterrar em um aluvial de lodo que retrata com perfeição a estatura moral de nossos detratores. Não nos abateremos. Com todos seus erros, estamos satisfeitos com o que fizemos, e o proclamamos a todos os

ventos; aos da França e aos de todos o mundo. Por mais derrotados que estejamos não nos consideramos vencidos; e a partir de nossa miséria física ainda podemos olhar com desprezo a miséria moral de um ultra-direitismo que nem sequer conhece a elegância do gesto e pretende fazer de nossa derrota o chiqueiro onde regozijar

seu casco e focinho de porco.

Não nos importamos. O anti-fascismo espanhol sente a dignidade de sua missão; sabe que realizou uma obra; que escreveu na história, para exemplo do mundo, uma página cuja profunda e luminosa marca não podem apagar os imundos cuspes da chusma fascista.

Lucía Sánchez Saornil foi uma militante anarquista, uma das fundadoras da revista e do grupo *Mujeres Libres*. Texto publicado originalmente no jornal *SIA* (órgão da Solidariedade Internacional Antifascista) núm. 17, de Paris, em 09/03/1939. Traduzido para o português por Thiago Lemos.